

GRANDEZAS

António Cândido Franco | Carlos Abreu
João Freire | Manuela Parreira da Silva
Maria Alexandre Lousada

ANARQUISMO
MODERNO MAS
NÃO —————
PÓS-MODERNO

Antologia de textos publicados
na revista *A VOZ* nos anos 70



Edições Colibri

Biblioteca Nacional de Portugal
= Catalogação na Publicação

ANARQUISMO MODERNO, MAS NÃO PÓS-MODERNO

Anarquismo moderno, mas não pós-moderno : antologia de textos publicados na revista A ideia nos anos 80 / org. António Cândido Franco... [et al.]. - (Extra-colecção)

ISBN 978-989-689-724-6

I - FRANCO, António Cândido, 1956-

CIDU 329

Título: Anarquismo moderno, mas não pós-moderno

Organização: António Cândido Franco, Carlos Abreu, João Freire, Manuela Parreira da Silva, Maria Alexandre Lousada

Edição: Edições Colibri

Capa: Raquel Ferreira

Ilustração da capa: Mário Bruno Cruz

Depósito Legal: 434 458/17

Lisboa, Dezembro de 2017

ÍNDICE

Apresentação	9
A anarquia e o futuro COLIN WARD	13
Paul Goodman: o anarquista como conservador GEORGE WOODCOCK	25
Revolução e demagogia NICO BERTI	43
Espanha 1936-39: a última revolução? JOÃO FREIRE	55
O banqueiro anarquista e a filosofia económica WOLFGANG PLOCH	73
Autogestão e tecnologias alternativas MURRAY BOOCKCHIN	79
Que estratégia para a mudança? Feminismo e anarquismo LYNNE FARROW	95

Um movimento social relevante para o futuro do anarquismo DIMITRIOS ROUSSOPOULOS	107
Poder, autoridade, domínio AMEDEO BERTOLO	117
Acerca do estado e da ordem anarquista THOM HOLTERMAN	131
Por um poder político libertário TOMÁS IBAÑEZ	151
O que é o anarquismo JOHN P. CLARK	159
A cibernética dos sistemas auto-organizativos JOHN MC EWAN	181
Do desejo à utopia EDUARDO COLOMBO	199
As formas interiorizadas da repressão EUGÈNE ENRIQUEZ	217
Psicanálise e política CORNELIUS CASTORIADIS	225

APRESENTAÇÃO

Esta é uma antologia de textos saídos nas páginas da revista *A ideia* na década de 1980. Nessa fase da sua já longa existência (fundada em 1974 e ainda hoje em publicação), esta revista assumiu claramente um carácter político-cultural. Assim, ao lado de textos de análise política, publicavam-se crónicas, contos e poemas, ilustrações originais de artistas plásticos, documentos e ensaios históricos e mesmo artigos científicos. Mas procurou-se sempre reflectir e estimular à distância o desenvolvimento de novos movimentos sociais autónomos, que fossem capazes de prosseguir os projectos de mudança e emancipação – pessoal e colectiva – que o movimento operário manifestamente já deixara de corporizar.

Referindo-se então ao subtítulo de «revista de cultura e pensamento anarquista», o grupo editor d'*A ideia* diligenciou inserir-se num movimento de renovação da filosofia e da acção do movimento anarquista, sem, contudo, cortar os laços que o ligavam ao passado – sobretudo à grande experiência do anarco-sindicalismo –, nem ofender as convicções, coragem e coerência de que muitos dos seus sobreviventes ainda davam testemunho nessas décadas de 60 e 70 do século passado.

É de notar que tal esforço de renovação era agora protagonizado por militantes quase todos 'intelectuais', com formação escolar superior, e que haviam já 'terçado as suas armas' nos movimentos estudantis do Maio de 68 francês, no *maggio strisciante* italiano, na resistência dos jovens americanos à guerra do Vietname ou nas revoltas juvenis ocorridas em Berlim, Praga, Belgrado ou Tóquio. Esta origem social de 'nova classe média', tão contrastante com o operariado dos seus antecessores, havia necessariamente de traduzir-se em novas temáticas de discussão, novas formas de acção e novos objectivos instrumentais.

Porém, até pelas ilusões 'revolucionárias' da revolta parisiense, a nova geração do militantismo anarquista não deixara de pensar em transformações sociais profundas nos países mais desenvolvidos onde viviam. Mas já não falavam em qualquer tipo de insurreição ou levantamento armado, que só grandes massas populares poderiam protagonizar, e estas estavam agora mais ou menos bem inseridas na 'sociedade de consumo'. Quem pegava em armas

com hipóteses de sucesso eram apenas os nacionalistas ou anti-imperialistas asiáticos, africanos ou sul-americanos, com desenlaces sempre bem distantes do sonho anarquista do «homem livre sobre a terra livre» (Goethe).

Por outro lado, o seu conhecimento académico fornecia-lhes elementos de compreensão suficientes sobre a economia, os sistemas políticos, a sócio-cultura dos povos e as relações internacionais para os precaverem de maneira mais realista contra os riscos de certas derivas utopistas em que muitos jovens caíram nessas épocas (dos hippies às drogas e à libertação das sexualidades, das experiências de vida em comunidade e do 'regresso à aldeia' até aos ensaios de 'educação livre' das crianças). Bem entendido, tratou-se ainda de *uma minoria* de gente já amadurecida, sem grande impacto ou influência sobre a maior parte daqueles outros que continuaram a desenvolver as suas actividades de propaganda 'das ideias' nos grupos anarquistas e suas federações, em inúmeros pequenos jornais e outras publicações: para estes, as tiradas filosóficas de Bakunin continuavam actuais, bem como o insurreccionismo dos anarquistas espanhóis, quando não (em sentido simbólico-provocatório) o bombismo de Ravachol ou os alegres cânticos de: «Flon-flon, trá-lá-lá, l'Anarchie vaincra!». Alguns daqueles intelectuais libertários ficaram mesmo chocados quando, por exemplo, no grande encontro internacional que em Veneza procurou assinalar o fantasmático *1984* (de George Orwell), se deram conta da inusitada companhia de uma forte presença de anarco-punks germânicos (e que eles, em privado, não se inibiram de qualificar de 'novos Hunos'). Outros distanciaram-se mais tarde do activismo interventivo, quando constataram a persistência de traços de violência gratuita e prejudicial em novas minorias de jovens presentes em grandes manifestações de rua internacionais (por exemplo, com os chamados Black bloc).

A *ideia* participou, pois, inteiramente, nessa tentativa de aggiornamento do pensamento anarquista ou libertário, em estreita colaboração com outros grupos, revistas e autores de Itália, Inglaterra, Holanda, Alemanha, Austrália ou América do Norte. Sintomaticamente, menos de Espanha, França, Brasil ou Argentina, países onde o movimento anarquista operário tivera tanta expressão na primeira metade do século XX.

A presente antologia quer pôr à disposição dos leitores actuais uma sùmula cómoda, tão representativa quanto possível, dos textos que a revista publicou nessa época com tal intencionalidade. São, quase todos, de autores estrangeiros que, graciosa e amigavelmente, se tornaram nossos colaboradores (uns repetidamente, outros de modo apenas ocasional). Se Castoriadis é mundialmente conhecido e Bookchin também não deixa de o ser, outros serão desconhecidos do grande público, mas nem por isso ignorados dos meios libertários, contra-culturais ou de pensamento mais completo e sofisticado. A sua origem nacional é também largamente representativa deste pe-

queno universo que procurava *modernizar o anarquismo*, ao ritmo da segunda metade do século XX e das suas mudanças socio-económicas, tecnológicas e civilizacionais. É assim que encontramos nesta selecção textos referentes: à crise e dificuldades do anarquismo tradicional; à crítica da concepção de revolução como derrube ou destruição do poder; às perspectivas autogestionárias no quadro das preocupações ecologistas e das teorias gestonárias das organizações; ao feminismo em crescimento; ao movimento por um desarmamento universal; à discussão conceptual em torno de objectos centrais da crítica anarquista como são o poder e o Estado; mas também alguma crítica ligeira do sistema económico (uma das pechas da tradição acrata); e, finalmente, reflexões muito elaboradas acerca do psiquismo humano, ao par das melhores contribuições teóricas disponíveis na época.

Outros autores poderiam certamente ter-se juntado a estes, quer nas páginas da revista, quer nesta antologia. Citamos, entre outros, o filósofo das ciências Paul Feyerabend (*Against Method*, 1975), o politólogo Robert Nozick (*Anarchy, State and Utopia*, 1974) ou o linguista Noam Chomsky (diversas obras). O sentido por vezes acentuadamente divergente ou contraditório entre eles nunca teria sido para nós um obstáculo, tal como não o foi para alguns dos pensadores libertários que traduzimos e publicámos. A razão da sua não inclusão é, porém, simples: porque, sendo personalidades muito requestadas, nunca conseguimos chegar ao seu contacto pessoal directo e esteve sempre fora do nosso alcance pagar os copyrights que os seus editores exigiam.

Importa sublinhar, a propósito do título escolhido para a antologia – e que supomos rigorosamente tradutor do seu conteúdo –, *Anarquismo moderno, mas não pós-moderno*, que a expressão *não pós-moderno* pretende elucidar antecipadamente os leitores para a datação (geracional, digamos assim) desta 'selecta' e para o facto de dela estarem excluídos conceitos e temáticas como os explorados na mesma época sobre a subjectividade, o desejo, o efémero ou o relativismo cultural por autores como Foucault, Deleuze, Lyotard ou Lipovetsky que, com ou sem razão, são por vezes associados ao pensamento anarquista de raiz mais individualista. Mesmo o filósofo 'à la française' Michel Onfray, que reclama ser anarquista de um tempo posterior (com títulos como *A escultura do eu*, *Tratado de ateologia* ou *A potência de existir*), já não pode ser situado entre os anarquistas *modernos* aqui representados. Estes correspondem ainda ao critério que Daniel Guérin identificava no fenómeno do anarquismo histórico ao fazerem referência, simultaneamente, às duas 'fontes de energia' fundamentais deste movimento: o indivíduo, por um lado; e o colectivo, por outro.

Com efeito, vivia-se um tempo de aproximação do fim do 'compromisso histórico' que havia representado a social-democracia europeia; em que a

'guerra fria' ainda vigorava embora travada por interpostas pessoas em terras da Ásia, África e América latina; em que se ensaiavam já passos decisivos para a 'globalização' económica e comunicacional – mas em que ainda não haviam acontecido factos extraordinários como a queda do muro de Berlim, o desmoronar da URSS e a primeira guerra do Golfo em que os americanos puseram o pé no Iraque e em terras-do-Islão. Muito, no mundo, iria mudar a partir daí e disso já não dão conta as reflexões aqui inseridas. A própria revista *A ideia* sofreu estes impactos, suspendendo-se a sua publicação por alguns anos e dissolvendo-se o grupo de amigos que a editavam. Desse grupo faziam parte os organizadores da presente antologia, mas não queremos deixar de lembrar as contribuições que então deram à revista pessoas como o Joaquim Pedro Figueiredo, a Conceição Vieira, o Miguel Serras Pereira, o Vasco Rosa, o Rogério de Sousa, a Maria de Lurdes Rodrigues, o João Paulo Oliveira, o Mário Bruno Cruz, o Jorge Colaço e mesmo o Moisés Silva Ramos, além de outros.

A revista *A ideia* actual, se procura dar continuidade ao passado da publicação, situando-se num campo político-cultural idêntico, sem quebras nem evoluções significativas, tem todo um contexto de actuação e de estrangimentos práticos que a tornam necessariamente diferente da revista que então há trinta anos se fazia. É dessa *A ideia* de há trinta anos que este livro é um prolongamento. Com ela se procura (r)estabelecer uma ponte, sem quaisquer laivos de saudosismo, antes com a intenção de reafirmar a modernidade (e não a pós-modernidade) de um movimento que se pretende libertariamente vivo. Dessa modernidade, ou dessa actualidade, nos dão conta os textos aqui reunidos; textos cuja qualidade teórica e reflexiva constituirá, certamente, uma oportunidade para nos interrogarmos sobre o sentido do anarquismo hoje e um convite aos leitores, e a nós-próprios, para um exercício reconfortante e estimulante de memória colectiva.